MOÇÃO Nº /

De aplausos e Congratulações ao afoxé Filhos de Gandhy, pela passagem dos seus 70 anos de fundação.

Fundado por estivadores portuários da cidade no dia 18 de fevereiro de 1949, tornou-se o maior e dito o mais belo Afoxé do Carnaval de Salvador, na Bahia.
Constituído exclusivamente por homens e inspirado nos princípios de não violência e paz do ativista indiano Mahatma Gandhi, o bloco traz a tradição da religião africana ritmada pelo agogô nos seus cânticos de ijexá na língua Iorubá. Utilizaram lençóis e toalhas brancos como fantasia, para simbolizar as vestes indianas.
Tornou-se o mais famoso e o maior dos Afoxés da Bahia, que conta com aproximadamente 10.000 integrantes.
Tradicionalmente a 'fantasia' contém, além do turbante e das vestimentas, um perfume de alfazema e colares azul e branco. Os colares já são conhecidos tradicionalmente por "colar dos filhos de Ghandy", que são oferecidos para os admiradores como forma de desejar-lhes paz durante o carnaval e ao longo do ano.
As cores dos colares são um referencial de paz e o afoxé enfoca Oxalá, que é o Orixá maior. O branco e o azul intercalados é o fio-de-contas do Oxalá menino, o Oxaguiam, que correspondem: o branco a Oxalufon seu pai e o azul a Ogum de quem é inseparável; as contas são amuletos da sorte. E cada um usa de acordo com a indumentária, da maneira que se achar elegante, não existe quantidade fixa de contas para cada colar, nem quantos colares se deve usar.
História
No final da década 40, o grupo de estivadores considerado privilegiados, na circunstancias da época, sobretudo por não terem patrões, fundaram o bloco “Comendo coentro”, que consistia em um caminhão com vários instrumentos musicais. O veículo seguia na frente seguido pelos estivadores metodicamente trajados com as roupas mais

elegantes da época: roupas de linhos, sapatos “scamatchia” e chapéus “panamá”. Havia muita fartura em comidas e bebidas.

Ainda em 1949, houve sensível mudança na economia pós guerra, implicando em perdas salarias e intervenção do Governo Federal em sindicatos. Neste cenário o “Comendo coentro” não saiu as ruas.

Diante disso, os estivadores se organizaram de levar um cordão, o bloco de carnaval idealizado por Durval Marques da Silva “Vavá Madeira”, com apoio do seguintes Antônio de Emiliano, Aloísio Gomes dos Santos (Gaiolão), Fidelis Manoel dos Anjos (Panguara), Edgar Antônio Querino (São Cosme), Almir Passos Fialho (Mica), Herondino Joaquim Ribeiro, Homero Rodrigues de Araújo, Hilário José de Santana (Bigode de Arraia), Pedro Ferreira dos Santos (Pedro de Oiá), Francisco Xavier do Nascimento (Balbúrdia), Eduarlino Crispiniano de Souza (Dudu), Bráulio José dos Santos, Evilásio Sacramento (Baé), Hamilton Ferreira dos Santos (Lobisomem), Jaime Moreira de Pinho (Bexiguinha), Hermes Agostinho dos Santos (Soldado), Manoel Nicanor das Virgens (Zoião), Arivaldo Fagundes Pereira (Carequinha), Máximo Serafim Mendes (Quadrado), Manoel José dos Santos (Guarda-sol), Domiense Pereira Amorim (Domi), Cândido Rosendo de Matos (Cândido Elefante), Domingos Assis (Cara Feia), Suther Carlos Sacramento, Eduardo Teodódio dos Santos, Geraldo Ferreira da Costa (Tristeza).

O nome conhecido por nós hoje, “Filho de Gandhy” foi sugerido também pelo ilustre

Pela grande importância deste bloco que é umas das maiores referências da cultura baiana e por tudo que ele já proporcionou aos soteropolitanos, baianos, brasileiros e estrangeiros solicitamos a esta Egrégia Casa de Leis que dê ciências aos diretores do bloco, publique nos órgãos oficiais e na imprensa.

CIENTIFICAR:

À SEMUR – Secretaria de Reparação, ao afoxé Filhos de Ghandy e à toda a população de Salvador, por meio de imprensa.

Salvador, 18 de fevereiro de 2019



FÁBIO SOUZA

VEREADOR - PHS